



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA

MILENA COSTA SILVA GAMA

**Gênero e Sexualidade nos anais do Encontro Nacional de Ensino
de Biologia/ENEBIO: revisão integrativa sobre a formação
docente inicial**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

MILENA COSTA SILVA GAMA

**Gênero e Sexualidade nos anais do Encontro Nacional de Ensino
de Biologia/ENEBIO: revisão integrativa sobre a formação
docente inicial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Claudiene Santos

SÃO CRISTÓVÃO

2021

Dedico esse TCC em forma de agradecimento a DEUS e à minha mãe, Mônica, por acreditarem em mim e nunca terem soltado a minha mão...

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

(Josué, 1:9)

AGRADECIMENTOS

“[...] Lá pro alto, sempre avante

Tey, positividade!

A vida é oportunidade

Eu aproveitei minha chance.”

(Poesia Acústica 9)

O fragmento dessa música representa uma realidade! Em um país tão desigual, eu sou privilegiada por ter tido a oportunidade de ingressar em uma universidade pública federal e chegar até aqui, na reta final do curso. Sim, eu aproveitei a chance que eu tive com todas as garras e não medi esforços para concluir essa etapa. Gostaria que mais jovens tivessem a mesma oportunidade que eu! Porém, apesar da oportunidade que me foi dada, ressalto que o mérito de ter chegado até aqui é meu e isso ninguém tira de mim, eu escolhi/escolho todos os dias investir em mim mesma, por que se algum dia as circunstâncias tirarem de mim algo que eu não tenho controle, ainda assim eu terei a mim mesma, a minha vida, a minha paz!

Sou indescritivelmente grata ao meu DEUS, sem Ele nada disso seria possível! Obrigada, Senhor, por ter me acompanhado perante toda minha trajetória acadêmica e sustentado todos os tijolinhos que coloquei para finalizar essa graduação. Eu te amo!!!

À minha mainha, Mônica, eu agradeço por todo incentivo e por ter abdicado de tantas coisas para si para fazer algo por mim. Eu nunca vou esquecer de todas as vezes que a senhora fez do que parecia “impossível” algo “possível” para mim. Amo-te!

À minha vó, Maria Augusta, eu agradeço por tanta confiança e por nunca ter hesitado falar o quanto se orgulha de mim e o quanto deseja me ver formada. Também agradeço a minha vó Lauricéia, que não está mais presente, mas que é uma grande referência para mim quanto professora! Eu amo vocês!

À minha família no geral, desejo não citar nomes, mas sou grata àqueles que torcem/torceram por mim fielmente, verdadeiramente e de coração. Entretanto, menciono aqui a minha prima, Mel, que é como uma irmã pra mim e não pensa duas vezes em me ajudar quando corro até ela para alguma coisa, é como digo... você é minha assistente pessoal (risos).

À minha orientadora, Claudiene, agradeço por tantos aprendizados desde a Iniciação Científica até aqui e além... Eu penso em como gostaria de ter te conhecido logo no início do curso, mas também acredito em propósitos e que tudo ocorre no momento certo. Muito obrigada por tanto!

À banca examinadora: Claudiene, Elaíne e Luciana, agradeço por terem aceitado o convite para avaliar este projeto. Ressalto aqui, também, a importância das contribuições de Luciana ainda na época da minha iniciação científica.

Ao Colégio de Aplicação da UFS por contribuir para minha chegada até a universidade, bem como me preparar para a vida. Especialmente, agradeço ao meu professor de biologia do Ensino Médio, Rodolfo Sampaio, por ter despertado em mim o amor pela biologia e ter lapidado meu amor pela docência.

Às minhas amigas de longa data, Raquel Barreto e Alana Carvalho, muito obrigada pela amizade de vocês, do CODAP para vida. E, também, agradeço a meu amigo Miltinho por sempre me incentivar, me encher de palavras sobre um futuro próspero e me ajudar sempre que eu preciso.

À meus/minhas amigos/as de graduação: Kewin Leonardo, por vivenciar comigo inúmeros perrengues acadêmicos (risos), do PIBID à Residência Pedagógica, sendo minha dupla em 90% das demandas acadêmicas.

No mais, quero dizer que sou imensamente grata a todos/as vocês e que Deus abençoe imensamente cada vida, assim como Ele tem abençoado tremendamente a minha.

Finalizo esses agradecimentos dizendo que vocês ainda vão ouvir falar muito por aí sobre Milena Gama e sobre minha história. Esse TCC é só o começo de uma etapa que está acabando e de uma nova que está por vir...

QUE COMECE O MATRIARCADO!

Com amor, Milena Gama.

RESUMO

A formação docente inicial exerce papel fundamental na construção de repertórios sobre gênero e sexualidade que serão utilizados em sala de aula pelos/as futuros/as professores/as. Esse Trabalho de Conclusão de Curso propõe-se a realizar uma revisão integrativa acerca de o que a produção acadêmica especializada diz sobre a formação docente inicial nos cursos de Ciências Biológicas licenciatura, no que diz respeito a gênero e sexualidade durante o período de 2015 a 2021. A partir metodologia aplicada visou analisar os anais do Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia e verificar a presença ou não dessas temáticas nos trabalhos que abordaram sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID/CAPES Os resultados apontam que a maioria dos trabalhos encontrados abordam gênero e sexualidade pelo viés biológico-higienista.

Palavras-chaves: Formação docente inicial; Gênero; Sexualidade; Ensino de Biologia; PIBID.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Gênero, Sexualidade e Educação Sexual	2
1.2. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: possibilidades para abordar os saberes de gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura	5
1.3. Impasses e desafios na formação docente inicial sobre gênero e sexualidade	6
1.4. Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEBIO)	9
2. OBJETIVO	10
3. METODOLOGIA	10
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
6. REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa ampliar a revisão integrativa desenvolvida como bolsista voluntária/PICVOL na modalidade Iniciação Científica (IC) durante o período de agosto/2020 a agosto/2021, junto ao Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais/GESEC/UFS/CNPq, liderado pela professora Claudiene Santos. O trabalho desenvolvido fez parte da pesquisa intitulada *Saberes sobre o corpo, gênero e sexualidades em manuais escolares/ livros didáticos de biologia em Sergipe – Brasil/ Portugal* do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe (PIBIC-UFS), vinculada à pesquisa coordenada pela professora Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, da Universidade Federal de Uberlândia e líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação - GPECS/UFU/CNPq.

A pesquisa desenvolvida durante a iniciação científica (IC) teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da produção bibliográfica sobre como as questões de Corpo, Gênero e Sexualidade (CGS) estão presentes (ou não) na Base Nacional Comum Curricular de Ciências da Natureza, bem como realizar uma análise documental das diretrizes Estaduais e Municipais, em Sergipe, sobre como são abordados os temas de corpo, gênero e sexualidade, nos referenciais curriculares presentes nos sites da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) e da Secretaria Municipal da Educação (SEMED).

Assim, a partir dos resultados obtidos com a revisão integrativa, foi possível concluir que, embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tenha potencial para promover discussões acerca de CGS em sala de aula, o documento está marcado por retrocessos que interferem negativamente na educação básica brasileira, a exemplos, a retirada do termo gênero e a redução da temática sexualidade à dimensão biológica. No que se refere a esta temática, Silva et al. (2020, p. 172) afirmam que “é possível identificar identidades negadas no texto da Base, pois não há espaço para que todos os sujeitos sejam contemplados e possam de fato fazer parte e construir suas histórias”.

Diante da finalização da IC e em tempos de “multiplicação de contra verdades sobre as sexualidades e os gêneros no Brasil” (SILVA, 2018, p. 3), surgiu a necessidade de explorar mais sobre Gênero e Sexualidade na vertente de formação docente inicial, a fim de entender como os cursos de licenciatura em Ciências Biológicas estão preparando ou não os/as futuros/as professores/as para mediar discussões sobre essas temáticas na sala de aula da educação básica. Nesse contexto, considerando que as instituições escolares configuram um cenário onde ocorre a perpetuação dessas questões, é de extrema importância analisar como está ocorrendo a

formação dos/das docentes quanto ao desenvolvimento de competências e habilidades para lidar com a abordagem desse conteúdo em seu exercício de docência.

Além disso, a partir de experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no Programa Residência Pedagógica (PRP), ao qual estou vinculada, observei que as temáticas relacionadas a CGS, quando presentes em sala de aula, só são debatidas através da concepção anatômico-fisiológica do corpo humano e da perspectiva médico-higienista, relacionando-as apenas com as questões que envolvem gravidez, reprodução humana e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Por fim, adentrando no contexto de um cenário digital educacional, ao trabalhar com biologia voltada para o Ensino Médio e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) na rede social denominada Instagram, por meio do perfil criado por mim “La Casa da Biologia”, pude perceber que CGS não são temáticas abordadas nesse meio digital voltado para o público alvo citado, o que me despertou a necessidade de rever essas formas de criação de conteúdo online com o intuito de produzir conteúdos relacionados à Educação Sexual que fujam do viés biológico e visem estimular o respeito à diversidade sexual e de gênero.

Mediante o exposto, considerando que essas temáticas são demandadas pelos/as estudantes e que a formação docente inicial deve possuir caráter norteador para a prática docente, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo responder a seguinte indagação: *o que a produção acadêmica especializada diz sobre a formação docente inicial nos cursos de Ciências Biológicas licenciatura, no que diz respeito a gênero e sexualidade durante o período de 2015 a 2021.* Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma revisão integrativa das produções bibliográficas publicadas nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (ENE BIO) que abordassem a pergunta de pesquisa citada. Entretanto, antes de responder essa pergunta, é necessário compreender os conceitos e o contexto sobre os quais essa pesquisa se ancora.

1.1. Gênero, Sexualidade e Educação Sexual

Considerando a pluralidade de identidade de gênero e orientação sexual existente no ambiente escolar, é necessário que os professores e as professoras tenham competências e habilidades para trabalhar com essas questões em sala de aula, dado que “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz” (LOURO, 1999, p. 80-81).

Tendo isso em vista, a grade curricular dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas deve conectar os assuntos sobre gênero e sexualidade à proposta de Educação Sexual, pois é na graduação que os licenciandos/as adquirem a base para abordar essas temáticas no universo escolar (SOUZA, 2018). Além disso, é imprescindível que ao abordar essas questões durante o processo de formação docente, seja adotada uma perspectiva que fuja dos padrões heteronormativos e do determinismo biológico, os quais são caracterizados por dicotomias, como forma de evitar exclusões e a promoção das desigualdades e preconceitos. Acerca disso, corrobora Altmann (2013, p. 79), que a composição curricular dos cursos está totalmente vinculada à autonomia que as universidades tem sobre eles

Se, por um lado, ela garante que professores sensíveis a essa temática abordem tais questões em suas disciplinas, ou mesmo ofereçam disciplinas específicas sobre ela nos cursos, por outro, também possibilita que um número não desprezível de professores e outros profissionais conclua a formação superior sem que esses temas tenham sido contemplados.

A doutora em educação, Guacira Lopes Louro, desenvolveu vários estudos sobre gênero e sexualidade, a fim de questionar e desmistificar a naturalização desses conceitos. Nesse sentido, a autora considera que a sexualidade

[...] envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas [...] (LOURO, 2000, p.11).

Sendo assim, apesar da sexualidade ser comumente discutida e associada com a reprodução humana e considerando que a educação sexual possui apenas conteúdos reduzidos à biologia e à fisiologia (SILVA; SANTOS, 2011), ela vai muito além do viés biológico, pois envolve também “identidades sexuais e de gênero, envolvimento emocional, erotismo, amor... Bem como envolve múltiplas vivências e expressões por meio de desejos, pensamentos, fantasias, crenças, valores, atitudes, relacionamentos” (SOUZA, 2018, p. 23).

Já no que concerne ao gênero, embora seu conceito pareça estar “fixado e delimitado pela anatomia e fisiologia de um corpo sexuado, engloba um sentido flutuante e contestado, excedendo, assim, as explicações biológicas utilizadas para justificar desigualdades entre homens e mulheres” (SOUZA, 2018, p.24). Dessa forma, assim como a sexualidade, o gênero também ultrapassa o determinismo biológico, sendo caracterizado por Joan Scott como “[...] um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p.76).

Considerando a potencialidade do ensino de biologia para promover a inclusão dessas temáticas e a (des)construção de binarismos, é fundamental a inserção da Educação Sexual no currículo das instituições de ensino superior, visto que os currículos não são tidos como um “elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social” (MOREIRA; TADEU, 2011, p. 14), assim, contribuem para produção de significados.

A Educação Sexual é estruturada a partir de 8 abordagens distintas, sendo elas: a abordagem biológica-higienista, abordagem moral-tradicionalista, abordagem terapêutica, abordagem religioso-radical, abordagem dos direitos humanos, abordagem dos direitos sexuais, abordagem emancipatória e abordagem queer (FURLANI, 2005). Nessa perspectiva, a abordagem biológico-higienista é a que predomina no campo educacional e suas discussões dão enfoque na biologia essencialista, uma vez que o ensino da Educação Sexual é pautado na promoção da saúde, gravidez indesejada e reprodução humana. (FURLANI, 2011). Ainda de acordo com Furlani (2017), é importante salientar que

Essa abordagem, restrita ao biológico, sempre esteve presente no trabalho da educação sexual na escola, através das aulas de Ciências e de Biologia. Sua crítica maior reside não na sua presença (que sob o ponto de vista da saúde sexual é necessário), mas no fato de **ser exclusiva** – implicando um currículo limitado e reducionista (FURLANI, 2017, p. 2)

Perante esse cenário, observa-se que a Educação Sexual sempre esteve inserida no ambiente escolar como algo polêmico e que, por isso, sua abordagem é direcionada para o privilegiamento do senso comum e reafirmação do preconceito (FURLANI, 2005) e frequentemente, lugar de exclusão contra pessoas que fogem às normas da matriz heterossexual. Contudo, a ideia de Educação Sexual inclusiva se opõe a essa abordagem biológico-higienista, sendo caracterizada por Figueiró (2009) como

[...] a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer (FIGUEIRÓ, 2009, p. 163).

Portanto, para que os/as discentes tenham acesso à Educação Sexual descrita por Figueiró, é necessário que ela esteja fundamentada por “[...] uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78- 79), bem como atue proporcionando uma reflexão acerca da cultura sexual que impera e contribuindo para o processo de

“desmistificação dos estereótipos sexuais (por exemplo, o machismo e a pré-determinação dos papéis sexuais em função de cada sexo; a dupla moral sexual; a discriminação social pelo fato de se ser mulher)”(RIBEIRO, 1990, p. 20).

1.2. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: possibilidades para abordar os saberes de gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura

A partir do contexto histórico, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, no que se refere à abordagem de conteúdos relacionados a gênero e sexualidade, possuem seus currículos direcionados ao discurso biológico (MENDES; SOARES; COELHO, 2021). Felipe e Guizzo (2004), afirmam que

Tanto nas escolas de ensino médio (modalidade normal), quanto nos cursos de formação docente em nível universitário, raramente têm a oportunidade de discutir a respeito dessas questões, uma vez que os currículos ainda não contemplam de forma abrangente tais temáticas. Dificilmente são oferecidas disciplinas que se dedicam especificamente aos assuntos, muitas vezes sendo este trabalho de forma tangencial (FELIPE; GUIZZO, 2004, p.38).

Tendo isso em vista, como alternativas de inclusão das temáticas referentes a gênero e sexualidade ao longo dos cursos de licenciatura, destaca-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/CAPES como uma política pública que, embora não atenda todos os/as licenciandos/as do curso, promove uma articulação entre a educação superior e a educação básica estadual e municipal, proporcionando aos discentes das licenciaturas que estão na primeira metade do curso uma aproximação prática com ambiente escolar através de atividades de ensino, projetos educacionais, extensões, entre outros (CAPES, 2021).

Ainda que haja professores e professoras que querem trabalhar gênero e sexualidade em sala de aula, argumentam que não se sentem preparados devido à falta de formação quando ainda estavam na graduação (FRANÇA; CALSA, 2011). Entretanto, é válido salientar que embora o argumento seja legítimo, as discussões em torno das questões de gênero e sexualidade ocorrem desde a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, além disso, há uma oferta grande de cursos, seminários e palestras por parte de grupos de pesquisas da área, a fim de contribuir para formação contínua dos/as docentes a respeito dessas questões.

Dessa maneira, diante da ausência ou insuficiência de oferta disciplinas obrigatórias e/ou optativas que trabalhem as questões de gênero e sexualidade, a partir de aspectos sociais e culturais, o PIBID/CAPES pode atuar a fim de amenizar os efeitos de uma formação docente que não prepara os/as discentes para sua atuação na educação básica, de modo a fornecer subsídios necessários para nortear as discussões em sala de aula.

Para tanto, é necessário se ater sobre as dificuldades e desafios a serem superados pelas instituições de ensino superior no quesito formação docente inicial acerca das temáticas de gênero e sexualidade.

1.3. Impasses e desafios na formação docente inicial sobre gênero e sexualidade

A formação docente pode ser dividida em duas etapas: inicial e continuada. A primeira, é um pré-requisito para atuação profissional e é adquirida com a finalização do curso de licenciatura, enquanto a segunda, pode ser compreendida como um processo contínuo de aprendizagens (NEGRINE, 1998). Para este trabalho, iremos focalizar na formação inicial, a qual segundo Brasil (2015, p. 9)

[...]destina-se àqueles que pretendem exercer o magistério da educação básica em suas etapas e modalidades de educação e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, compreendendo a articulação entre estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino.

O processo de formação docente inicial interfere, obviamente, diretamente no modo como os/as docentes irão exercer sua profissão em sala de aula. Assim, o Ministério da Educação emitiu a Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015, a qual “define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada” (BRASIL, 2015, p. 1).

Esse documento, no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, estabelece que as universidades deverão assegurar nos currículos de seus cursos conteúdos relacionados aos “[...] direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional [...]” (BRASIL, 2015, p. 11), possibilitando os licenciandos e as licenciandas o desenvolvimento de habilidades que serão utilizadas para

[...] VII – identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico- raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras; VIII – demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras [...] (BRASIL, 2015, p. 8).

Em contrapartida, embora haja essa resolução, no tocante à aprendizagem de assuntos que envolvem gênero e sexualidade, a graduação ainda deixa a desejar, pois “frequentemente há uma omissão, por parte das agências formadoras, não fornecendo subsídios para uma

conduta que futuramente será exigida no cotidiano de trabalho na escola” (OLIVEIRA; BRANCALEONI; SOUZA, 2013, p. 39). Ainda nesse contexto, acrescenta Vencato que

[...] não é novidade nos cursos de licenciatura a ausência, para a formação de docentes, de subsídios que lhes proporcionem a construção de um arcabouço teórico-metodológico que os ajude a lidar com as diferenças. Essa ausência se amplia ainda mais quando a diferença refere-se a questões de gênero e das sexualidades – ou orientações sexuais, tema mais comumente (re)conhecido na arena das políticas públicas (VENCATO, 2015, p. 17).

Essa omissão de gênero e sexualidade durante o processo formativo docente impacta fortemente a forma com essas questões são ensinadas ou não para os/as alunos/as da educação básica. Além disso, segundo Félix (2015), a falta de preparo dos/das docentes pode ser considerada uma brecha para ocorrência da banalização desses conteúdos na educação básica.

Ao atuar na gestão e na formação de docentes por intermédio do Curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) e no projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), ambos projetos tinham como objetivo formar professores/as para saber trabalhar com gênero e outros temas da diversidade nas escolas, Jeane Félix relatou que

[...] quase sempre, era tocada pela fragilidade de docentes em lidar com situações cotidianas que envolvem aspectos de gênero e sexualidade. Nesses processos, ouvi várias vezes, exemplos de situações de violência homofóbica e/ou de gênero que não foram coibidas porque as/os professoras/es “não sabiam o que fazer”; ouvi professoras receosas em abordar os chamados “temas transversais” com medo da reação das famílias; ouvi muitas delas e deles se dizerem inseguros para abordar temas para os quais não temos respostas prontas, temas que fogem às normas socialmente estabelecidas (FÉLIX, 2015, p.228).

Em relação aos “temas transversais” citados por Félix, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) determinaram que as questões relacionadas a gênero e sexualidade sejam consideradas como “temas transversais” (BRASIL, 1998, p. 65), uma vez que o ensino desses temas pode ser mediado por qualquer docente, independente da disciplina que esse/essa professor/professora esteja à frente. Em contrapartida, apesar de haver essa abertura para a inclusão dos assuntos voltados para gênero e sexualidade no currículo escolar, essa caminhada em busca da inclusão de gênero e sexualidade no ensino está marcada por constantes retrocessos.

Infelizmente, os últimos anos tem sido marcados por movimentos conservadores/ativismo religiosos que usam da expressão “Ideologia de Gênero” para intervir nas ações políticas e impor valores morais tradicionais de caráter cristão (JUNQUEIRA, 2017, p. 25- 26). De forma resumida, a “Ideologia de Gênero”

[...] trata-se de uma avalanche de ideias reacionárias que busca inundar a todos e a todas com moralismos, divisões naturalizadas, identidades fixas, generificações

hierárquicas, silêncios interessados, ódios destruidores, omissões desastrosas, retrocessos inaceitáveis. (PARAÍSO, 2018, p. 25).

Além disso, de acordo com o fragmento retirado do discurso de abertura do Conselho Episcopal realizado pelo Cardeal Angelo Bagnasco, suas palavras refletem como as discussões em torno do gênero são vistas por quem defende que há existência de uma “ideologia de gênero”

[...] É a leitura ideológica do “gênero” – uma verdadeira ditadura – que quer achatá-la a diversidade, homogêneoizar tudo até a tratar a identidade do homem e da mulher como puras abstrações. É de se perguntar com amargura se querem fazer da escola campos de reeducação, de doutrinação. Os pais ainda têm o direito de educar os filhos ou foram desautorizados? [...] Os filhos não são cobaias nas mãos de ninguém, nem mesmo de técnicos ou de chamados especialistas. Que os pais não se deixem intimidar. Eles têm o direito de reagir com determinação e clareza [...] (BAGNASCO, 2014).

Dessa forma, tal fragmento do discurso do Cardeal Angelo Bagnasco é discutida por Junqueira (2017) ao afirmar que a noção veiculada pelo Cardeal como “ideologia de gênero” é acompanhada de um discurso que objetiva impedir que a perspectiva de gênero adentre nas instituições, na política e na vida cotidiana, além de buscar recuperar o espaço e influência da Igreja. Ainda, de acordo com Junqueira (2017, p. 26)

[...] tais cruzados morais investem maciçamente na (re)naturalização das concepções de família, maternidade, parentesco, (hetero)sexualidade, diferença sexual. Deste modo, procuram também promover a restauração ou, mais propriamente, o *aggiornamento* do estatuto da ordem sexual tradicional e reforçar as disposições relativas às normas de gênero, à heterossexualidade obrigatória e à heteronormatividade.

Ademais, é importante frisar que a “ideologia de gênero” não está relacionada ao campo dos Estudos de Gênero. Uma vez que, nos Estudos de Gênero e movimentos feministas e de Lésbicas, gays, bissexuais, pessoas transgêneras e intersexuais/LGBTI, há teorias que abordam diversas matrizes teóricas e políticas, nas quais o gênero é tido como um conceito, não como uma ideologia, e apresenta múltiplas acepções e implicações críticas (JUNQUEIRA, 2017).

Em suma, apesar das discussões sobre Gênero e Sexualidade não terem iniciado recentemente, elas são alvos constantes de discursos focados em silenciá-las no que concerne à educação brasileira. Sendo assim, a perpetuação e aceitação da ideologia de gênero, bem como a disseminação do padrão heteronormativo na sociedade, é capaz de incitar as desigualdades e discriminações, assim como, essas medidas podem promover, de acordo com Simioni (2016, p. 89), o “cerceamento à liberdade de expressão” dos/das estudantes.

Desse modo, para que a educação básica brasileira se torne inclusiva, acolhedora e sem vínculos com a manutenção de preconceitos e estereótipos binários determinados biologicamente, é preciso combater, também, “Ideologia de Gênero”, na visão apresentada e discutida por Junqueira (2017), dado que ela visa “[...] impedir que a diferença se prolifere e

para fazer com que gênero e sexualidade sejam considerados temas não escolares” (PARAÍSO, 2018, p. 23).

1.4. Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia (ENE BIO)

O Encontro Nacional de Ensino de Biologia/ENE BIO é um evento promovido pela Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBIO) e destinado a professores/as e licenciandos/as do curso de Ciências Biológicas. De maneira geral, o evento é realizado de 2 em 2 anos e tem duração de uma semana. As 8 edições do ENEBio estão esquematizadas no quadro abaixo.

Quadro 1 - Sistematização dos ENEBIO

Edição	Ano	Local	Tema
I	2005	Rio de Janeiro	“Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa”
II	2007	Uberlândia	“10 anos da SBEnBio e o ensino de Biologia no Brasil: histórias entrelaçadas”
III	2010	Fortaleza	“Temas polêmicos e o Ensino de Biologia”
IV	2012	Goiânia	“Repensando a experiência e os novos contextos formativos para o Ensino de Biologia”
V	2014	São Paulo	“Entrelaçando histórias, memórias e currículo no Ensino de Biologia”
VI	2016	Maringá	“Políticas Públicas Educacionais – Impactos e Propostas ao Ensino de Biologia”
VII	2018	Belém	“O que a vida tem a ensinar para o ensino de Biologia?”
VIII	2021	Virtual	“Itineário de resistência: pluralidade e laicidade no Ensino de Ciências e Biologia”

Fonte: Elaboração da autora a partir do site <https://sbenbio.org.br/>

A partir da esquematização representada no quadro 1, é importante salientar que a 8ª edição ocorreu de forma virtual devido à pandemia ocasionada pela COVID-19.

Ainda sobre o ENEBIO, o evento aborda temáticas consideradas transversais que são pertinentes para a formação política dos/as estudantes (CABIO-UFES, 2015). Tanto a apresentação do evento em si, como as publicações realizadas nos anais das edições do ENEBIO são importantes para formação dos graduandos/as, pois “não apenas as múltiplas formas de se ensinar Biologia, mas seus contextos e histórias puderam ser problematizados em confronto com a vida (fenômeno plural) que se apresenta nas escolas” (ENE BIO, 2018, p. 8).

Portanto, diante do esforço e analisando a importância do Encontro Nacional de Ensino de Biologia/ENE BIO, bem como as publicações dos anais de cada edição do evento com

diversos trabalhos acadêmicos, a metodologia desse trabalho consiste em uma revisão integrativa das produções científicas presentes nos anais dos ENEBIO, acerca de como ocorreu/ocorre a formação docente inicial nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, entre os anos de 2015 e 2021, a respeito de gênero e sexualidade.

2. OBJETIVO

Realizar uma revisão integrativa acerca dos trabalhos publicados nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia/ENEABIO, entre os anos de 2016 a 2021, sobre como os saberes de gênero e sexualidade estão presentes na formação docente inicial dos cursos de Ciências Biológicas.

3. METODOLOGIA

Considerando a Resolução Nº 2 de 1º de julho de 2015 (BRASIL, 2015), para atingir os objetivos desse TCC, foi realizada uma revisão integrativa dos anais do ENEBIO referente aos anos de 2016, 2018 e 2021. Essa metodologia é definida como “um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p.102).

A revisão integrativa apresenta seis fases, sendo elas: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e, por fim, a apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Dessa forma, o método escolhido tem como objetivo responder à questão norteadora: *o que a produção acadêmica especializada diz sobre a formação docente inicial nos cursos de Ciências Biológicas licenciatura, no que diz respeito a gênero e sexualidade durante o período de 2016 a 2021 nos anais de ENEABIO?*

A partir dos anais do ENEABIO disponíveis no site da SBEnBIO, foram realizadas buscas sistemáticas através da ferramenta de busca dos anais pelas seguintes palavras-chaves: “PIBID”, “Gênero”, “Sexualidade”, “Orientação Sexual” e “Educação Sexual”, respectivamente, as quais tiveram o intuito de filtrar os trabalhos acadêmicos de interesse.

Após realizar ordenadamente a busca pelas palavras citadas nas três edições dos anais analisados, os trabalhos foram filtrados por 3 etapas: seleção, elegibilidade e inclusão. A primeira etapa, selecionou todos os trabalhos que apresentavam alguma das palavras-chaves no título e excluiu os que não condiziam com a pergunta norteadora. Na segunda etapa, elegemos os trabalhos que sobraram para leitura dos resumos e, após serem lidos, também foram excluídos os que não estavam relacionados com a temática desse TCC. Por fim, a última etapa,

consistiu em incluir os trabalhos que restaram da etapa de elegibilidade para serem analisados nessa revisão integrativa. O quadro abaixo apresenta o quantitativo dos trabalhos selecionados, elegíveis e incluídos para realização desse trabalho.

Quadro 2 – Quantitativos dos trabalhos utilizados na revisão integrativa

Ano	Seleção	Elegibilidade	Inclusão
2016	Rastreados pelas palavras-chaves: 70 Excluídos pelo título: 32	Elegíveis após a leitura dos resumos: 38 Excluídos: 32	6 trabalhos
2018	Rastreados pelas palavras-chaves: 36 Excluídos pelo título: 16	Elegíveis após a leitura dos resumos: 20 Excluídos: 18	2 trabalhos
2021	Rastreados pelas palavras-chaves: 47 Excluídos pelo título: 8	Elegíveis após a leitura dos resumos: 39 Excluídos: 37	2 trabalhos

Fonte: Elaboração da autora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após as buscas realizadas nos anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia/ENEPIO referente aos anos de 2016, 2018 e 2021, 10 trabalhos foram selecionados para leitura completa e análise, bem como para a coleta de informações, conforme as etapas descritas anteriormente para filtrar os trabalhos de interesse para atingir o objetivo desse TCC. Os 10 trabalhos foram lidos na íntegra e o quadro 1 apresenta um breve resumo e as informações acerca das publicações.

Quadro 3 – Informações detalhadas das publicações selecionadas e lidas conforme os critérios de inclusão e exclusão.

Nº	Título	Autores (as)	Ano	Objetivos
1	Sexualidade na Educação Básica: uma abordagem visando à conscientização e à divulgação sobre DST.	Carolina Habergic Folino, Thiago Jose Jesus Rabello, Taizé de Jesus Duarte, Lais Mello de Araújo, Reynaldo Guedes de Oliveira Fontes e Débora de Aguiar Lage.	2016	O artigo visa contribuir para uma aprendizagem significativa sobre DSTs, a partir de aula expositiva dialógica e produção orientada de cartazes.
2	Refletindo sobre os corpos: a importância da fundamentação teórica em sexualidade para a formação docente em Biologia.	Paulo Ricardo Santos de Sousa e José Roberto Feitosa Silva.	2016	Este trabalho tem como objetivo identificar os conhecimentos dos alunos e desconstruir preconceitos sobre a temática sexualidade, contribuindo para o início de um processo formativo interdisciplinar dos docentes-pesquisadores (pibidianos).
3	Sexualidade e cuidados com o corpo: um olhar	Maikely Luana Feliceti, Claudinei de Freitas Vieira, Everton Ricardi	2016	O trabalho relatou o desenvolvimento de atividades com alunos do 9º ano de uma

	para a puberdade.	Lozano, Fernanda Ferrari, Leide Daiane do Nascimento Mascarello e Edineia Kaiper.		escola estadual pública, no município de Dois Vizinhos, PR, com o objetivo de transpor informações sobre sexualidade como, valores, higiene, cuidados com o corpo e respeito à diversidade.
4	Orientação sexual na escola: uma dinâmica interativa cheia de curiosidades.	Samuel Elias Siveris, Marthoni Massaro, Elisandra Giordani de Menezes e Tiago Silveira Ferrera.	2016	Trata-se de um relato, cujo objetivo refere-se a um conjunto de oficinas sobre orientação sexual, desenvolvida nas escolas da rede pública do município de Cerro Largo-RS, para alunos do Ensino Fundamental (EF) e também do programa de Educação de Jovens e Adolescentes(EJA).
5	Aplicação de oficinas de educação sexual em uma escola pública parceira do PIBID em Manaus.	Sônia Maciel da Rosa Osman, Greicy Dantas Silva Colares, Ingrid Brambilla de Moura e Valdecy Gomes Medim Júnior.	2016	O intuito do artigo é contribuir para a construção de uma consciência mais crítica sobre a sexualidade, fazendo o uso dos conhecimentos do âmbito familiar e fornecendo uma base através de oficinas e debates no âmbito escolar, para que o indivíduo forme um pensamento próprio acerca do assunto.
6	Relato de Experiência: Educação Sexual no Ensino Fundamental e o uso do preservativo.	João Paulo Reis Soares e Mirian Pacheco Silva Albrecht.	2016	O trabalho buscou relatar a experiência de um futuro professor, ao ministrar aula em uma escola estadual de tempo integral, durante a realização de uma oficina de Saúde e Sexualidade.
7	O PIBID no desenvolvimento de temática transversal: igualdade de gênero nas aulas de Ciências.	Fausto Neto Reis de Lira; Flavia Maria Mérida Ramoneda; Rosana Louro Ferreira Silva; Daniela Lopes Scarpa.	2018	O objetivo desse trabalho é fazer com que os alunos respondam quais mudanças em relação à igualdade de gênero ocorreram na sociedade nos últimos anos e qual nosso papel frente a essa mudança.
8	Problematizando os padrões de gênero e sexualidade disseminados na sociedade - uma experiência no ensino fundamental ii no âmbito do PIBID.	Rafael Pelletti Fidelis Lopes, Ana Luisa Luisi Vieira, Tatiane Maris Gorska Falconi e Aline Nair Mende Costa.	2018	Esse artigo busca definir o que é gênero, identificar a desigualdade de gênero, a influência da cultura sobre a orientação sexual e questionar os valores que estão inseridos nas músicas presentes no cotidiano dos estudantes.
9	Educação para a diversidade sexual e de gênero via	Elísha Silva de Jesus, Leonardo Oliveira da Costa, Laura Alves de	2021	O objetivo do trabalho é evidenciar como a Abordagem Temática Freireana possibilitou

	abordagem temática freireana.	Oliveira e Juliana Rezende Torres.		a relação dialógica entre educandos e educadores em formação, bem como explicitar como são selecionados os Temas Geradores, porquê e como estes temas são relevantes para a transformação da realidade concreta.
10	Vamos falar sobre sexualidade?: o diálogo em ambiente escolar como ferramenta para a proteção física e emocional de crianças e adolescentes.	Natália Stinghen Tonet e Iago Weber Pitz.	2021	O artigo visou reforçar a ideia de que a educação sexual deve ser trabalhada na escola para além do âmbito fisiológico.

Fonte: Elaboração da autora.

Dos trabalhos encontrados, 7 versaram somente sobre sexualidade (FOLINO et al., 2016; SOUSA; SILVA, 2016; FELICETI et al., 2016; SIVERIS et al., 2016; OSMAN et al., 2016; SOARES; ALBRECHT, 2016; TONET; PITZ, 2021), 1 sobre gênero (LIRA et al., 2018) e 2 abordaram juntamente gênero e sexualidade (LOPES et al., 2018; JESUS et al., 2021). Além disso, considerando todos os trabalhos, 6 direcionaram suas discussões para a perspectiva médico-higienista (FOLINO et al., 2016; FELICETI et al., 2016; SIVERIS et al., 2016; OSMAN et al., 2016; SOARES; ALBRECHT, 2016; TONET; PITZ, 2021).

Sobre os trabalhos desenvolvidos exclusivamente a respeito da temática sexualidade, 6 apontaram para a perspectiva médico-higienista. Assim, os autores/as buscaram aproximar os conteúdos escolares ao cotidiano dos/as discentes, possibilitar o conhecimento de termos biológicos voltados ao corpo humano e, também, ressaltar a importância de atividades lúdicas para trabalhar com esse tema (FOLINO et al., 2016; FELICETI et al., 2016; SIVERIS et al., 2016; OSMAN et al., 2016; SOARES; ALBRECHT, 2016; TONET; PITZ, 2021). Além disso, embora alguns trabalhos mencionem a importância de ampliar as discussões sobre sexualidade para uma perspectiva que transcenda o viés biológico, eles assumiram um caráter mais descritivo, no qual os/as autores/as relataram como as metodologias foram desenvolvidas em sala de aula, abrindo pouco espaço para discussões aprofundadas em seus resultados.

Em contrapartida, um dos trabalhos que apresentaram a temática sexualidade, direcionou sua metodologia para um viés além do biológico, tendo a metodologia do trabalho voltada para transversalidade, a qual foi capaz de salientar nos alunos/as a o entendimento

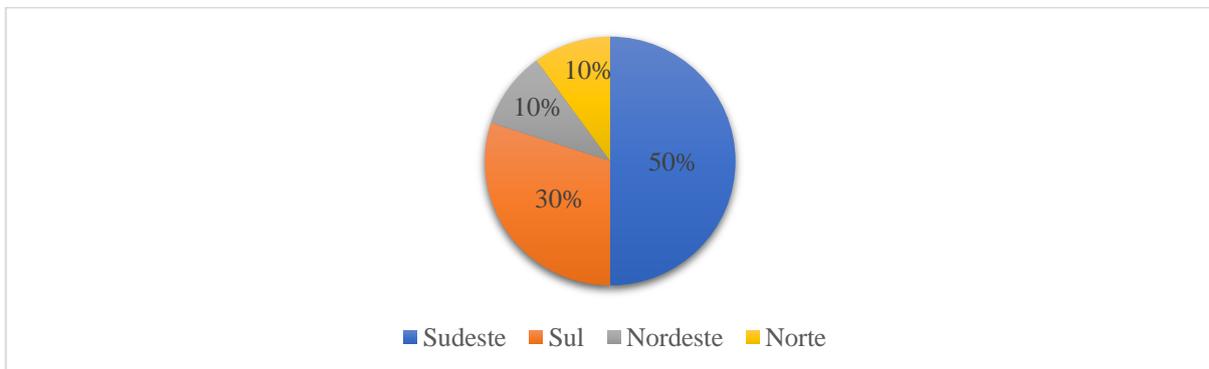
acerca da identidade sexual e de gênero, assim como estimular o respeito mútuo (SOUSA; SILVA, 2016).

Já no que diz respeito ao trabalho que versou somente sobre gênero, os/as autores/as desenvolveram uma metodologia em forma de sequência didática, a qual apresentou a temática gênero como algo abrangente e complexo e, em suas discussões, adotou uma perspectiva teórica dos Estudos de Gênero. Dessa forma, os/as autores/as usaram como parâmetro a “Ideologia de Gênero” para desenvolver a metodologia que transcendesse os aspectos biológicos e a menção presente nos PCN, o qual diz que “os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente” (BRASIL, 1998, p. 303). Assim, por meio da aplicação da sequência didática foi possível estimular a reflexão dos/as alunos/as sobre as mudanças de questões que envolvem a igualdade de gênero ao longo do tempo, torná-los/as capazes de reconhecer a existência da desigualdade de gênero e de se posicionar criticamente frente à essa problemática (LIRA et al., 2018).

Por fim, quanto aos trabalhos que abordaram sobre gênero e sexualidade de forma conjunta, ambos embasaram sua metodologia e discussões na perspectiva sociocultural. Um desses trabalhos abordou a existência de um gênero privilegiado, influência cultural sobre a orientação sexual e análise musical a respeito de qual tipo de mensagens são transmitidas através da música que permeiem questões relacionadas a gênero e sexualidade. Assim, de maneira geral, a sequência didática aplicada conseguiu discutir com alunos/as a existência de desigualdade de gênero e diversidade sexual (LOPES et al., 2018). Enquanto o outro trabalho relatou a experiência da utilização de uma metodologia ancorada na abordagem temática freireana no desenvolvimento de práticas pedagógicas com o intuito de estabelecer diálogos entre alunos/as e professores/as (JESUS et al., 2021). Este trabalho enfocou mais sobre a metodologia em questão do que sobre a temática gênero e sexualidade na íntegra.

Conforme explicitado na figura 1, 50% das publicações analisadas foram produzidas na região sudeste do país, estando presentes nas 3 edições dos anais do ENEBIO. Enquanto a região sul participou de 30% da produção dos trabalhos e, tanto a região norte quanto a nordeste foram responsáveis pela produção de 1 trabalho cada uma. Esses dados sugerem que por possuírem maiores investimentos na área educacional, as regiões sul e sudeste apresentam um quantitativo maior de produções acadêmicas.

Figura 1 - Publicações por região.



Fonte: Levantamento realizado pela autora.

Para além disso, diante da análise dos artigos, 40%, ou seja, 4 trabalhos (JESUS et al., 2021; LIRA et al., 2018; LOPES et al., 2018; SOUSA; SILVA, 2016), desenvolveram sua metodologia em sala de aula ancorada numa perspectiva teórica dos Estudos Culturais e de Gênero. Uma vez que, geralmente as noções de gênero e sexualidade são definidas de acordo com o sexo biológico (SOUSA; SILVA, 2016), esses trabalhos buscaram abordar as temáticas de modo a transcender o determinismo biológico, considerando a forma como os/as alunos/as se identificam dentro das questões de gênero e sexualidade (LIRA et al., 2018).

A quantidade de trabalhos que abordaram sobre sexualidade e educação sexual no PIBID por meio do viés biológico-higienista ainda é mais expressiva no Encontro Nacional de Ensino de Biologia, correspondendo 60% das produções nos anais do ENEBIO referente aos anos de 2016 a 2021.

Sobre isso, é necessário salientar acerca da importância de abordar gênero e sexualidade por outras perspectivas teóricas que não sejam vinculadas exclusivamente à vertente biológica, a fim de “problematizar e desconstruir “verdades únicas” e padrões hegemônicos relacionados à sexualidade e de gênero” (SOUZA, 2018, p. 50). Desse modo, as discussões sobre gênero e sexualidade tomarão uma proporção maior e mais inclusiva no ambiente educacional básico e superior e atuará como uma forma de combater os preconceitos vinculados ao que foge do padrão heteronormativo e do determinismo biológico, fornecendo um melhor preparo para os/as discentes que se tornarão professores/as.

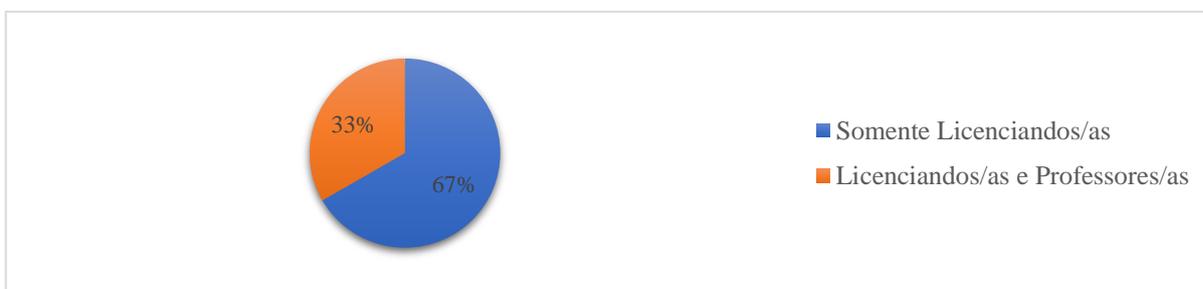
Sobre os trabalhos que reduziram a temática sexualidade e educação sexual a uma vertente biológica, o foco temático das produções se limitou às questões de gravidez na

adolescência, métodos contraceptivos, reprodução humana, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)¹ e higiene.

Em um dos artigos analisados, os/as licenciandos/as apresentaram inquietações sobre a forma como a educação sexual é trabalhada na escola e afirmaram que a educação tradicional, com aulas sobre DST (sic)/ já não é mais suficiente para os/as discentes (OSMAN et al., 2016). Entretanto, executaram uma oficina com temáticas recorrentes na educação tradicional, não direcionando as discussões sobre gênero e sexualidade para a perspectiva sociocultural.

Foi analisado o grau de titulação acadêmica dos/as autores/as desses trabalhos que correspondem à 60% das publicações nos anais do ENEBIO referente aos anos de 2016 a 2021.

Figura 2 – Grau de titulação acadêmica dos/as autores/as dos trabalhos com viés biológico-higienista



Fonte: Levantamento realizado pela autora.

Considerando os dados da figura 2, pode-se observar que a maioria das publicações que abordaram gênero e sexualidade pelo viés biológico possuem autoria de licenciandos/as, os quais muitas vezes não receberam o preparo prévio para ampliar as discussões sobre a temática durante o curso de licenciatura em Ciências Biológicas.

Sobre isso, Soares e Albrecht (2016) apontam que essa possível falta de embasamento teórico para trabalhar com Gênero e Sexualidade, por parte dos/as licenciandos/as, pode ser motivado ao fato de que

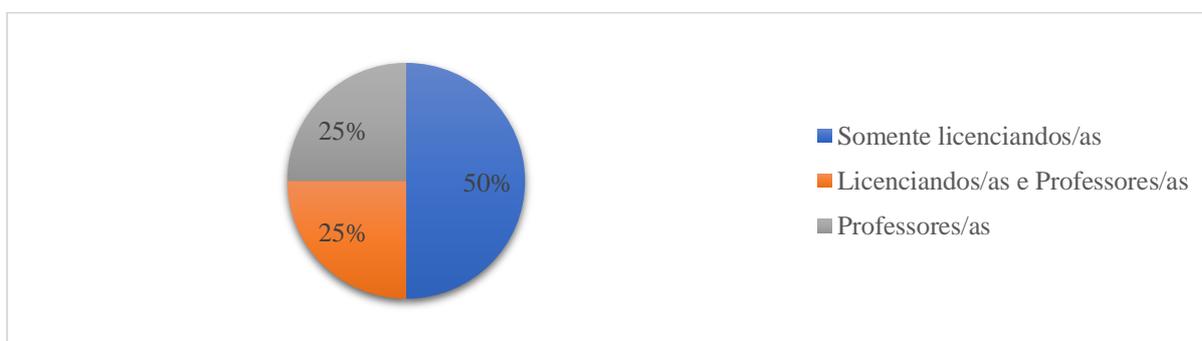
A formação docente no campo de educação em sexualidade ainda caminha em passos vagarosos, sofrendo diversas pressões externas, tanto no âmbito educacional, quanto no âmbito social e político. A preparação de professores aptos as novas mudanças e demandas da sociedade se faz crucialmente necessário e mais medidas nesta área precisam ser tomadas (SOARES; ALBRECHT, 2016, p. 5345).

¹ O decreto N° 8.901/2016 (BRASIL, 2016) publicou uma atualização no Diário Oficial da União em 11.11.2021, o qual determinou que a nomenclatura DSTs que corresponde a Doenças Sexualmente Transmissíveis será substituída por ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

Sendo assim, é necessário que as instituições de ensino superior façam jus à Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, a qual diz que os currículos dos cursos de licenciatura devem incluir conteúdos relacionados a “[...]formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual [...]” (BRASIL, 2015, p. 11), contribuindo assim para a formação docente e, conseqüentemente, para uma educação transformadora. No mais, o processo formativo docente deve atentar-se ao fato de que se não há espaço para debater as pluralidades de gênero e sexualidade, o currículo deixa de ser humanizado e passa atender apenas àqueles que se encaixam no padrão de identidade heteronormativo, excluindo as pessoas de identidades diferentes e contribuindo para perpetuação das desigualdades, discriminações e desinformação.

Conforme está sendo representado na figura 3, a análise da titulação acadêmica foi realizada com os/as autores/as dos trabalhos que transcenderam o ensino da educação sexual tradicional e abordaram em suas produções questões de gênero e sexualidade através da perspectiva sociocultural.

Figura 3 – Grau de titulação acadêmica dos/as autores/as dos trabalhos com viés sociocultural.



Fonte: Levantamento realizado pela autora.

Ainda nessa direção, considerando os 40% dos trabalhos citados anteriormente, 3 executaram a metodologia através de uma avaliação diagnóstica vinculada ao ensino por investigação. Dessa forma, essa metodologia serviu para nortear a sequência didática das atividades, bem como compreender quais os conhecimentos prévios dos/as discentes acerca da temática a ser debatida (LIRA et al., 2018; LOPES et al., 2018; TORRES et al., 2021).

Esses trabalhos visaram dissociar o gênero e a sexualidade do sexo biológico e promover discussões e reflexões acerca das desigualdades presentes em torno dessas questões. Desse modo através das atividades propostas, os/as discentes seriam capazes identificar a presença das desigualdades de gênero e sexual na sociedade, em si mesmos e em muitas outras situações (LIRA et al., 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, essa revisão integrativa permitiu sintetizar o que a produção acadêmica especializada diz sobre a formação docente inicial nos cursos de Ciências Biológicas licenciatura, no que diz respeito a gênero e sexualidade durante o período de 2016 a 2021.

Assim, conclui-se que, apesar das discussões sobre gênero e sexualidade não terem iniciado recentemente, é importante lutar pela inclusão dessas temáticas no ambiente acadêmico, a exemplo, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES, pois através dele os/as licenciandos/as poderão praticar durante sua atuação no PIBID o que foi aprendido nas aulas teóricas da universidade.

No mais, embora a Base Nacional Comum Curricular esteja marcada por retrocessos, que ao ceder às pressões conservadoras, retirou as questões que envolvem gênero e reduziu a sexualidade para o discurso pautado no determinismo biológico, a formação docente inicial não deve se isentar acerca da inclusão dessas temáticas, uma vez que elas são demandadas pelos/as alunos/as da educação básica.

Por fim, é necessário expandir os estudos sobre a abordagem das temáticas relacionadas a gênero e sexualidade na formação docente inicial, tanto na licenciatura em Ciências Biológicas, como também nas outras licenciaturas, dado que de acordo com os PCN, essas questões são consideradas como “temas transversais” e, por isso, podem ser trabalhadas por professores e professoras de qualquer disciplina, a fim de alcançar o objetivo de mitigar cada vez mais os discursos contra a diversidade de gênero e diversidade sexual.

6. REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 13, 2013. p. 69-82.

BRASIL. Departamento passa a utilizar nomenclatura “IST” no lugar de “DST”. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst> >. Brasília, 2016. Acesso em 25 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília, DF, 1998. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> >. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação

continuada. Brasília, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>

CAPES. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid> . Acesso em: 24 de nov. de 2021

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 31-40.

FÉLIX, Jeane. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. **Espaço do currículo**, v. 8, n. 2, p. 223-231, 2015.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço escolar. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p.141-171.

FRANÇA, F. F.; CALSA, G. C. Gênero e sexualidade na formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Sociais e Humanas**. V. 24, n.2, 2011, p. 111-120.

FURLANI, Jimena. O bicho vai pegar!: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. 2005.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Autêntica, 2017.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária—ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”. **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 25-52, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.11.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade, gênero e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 1999. P. 80-81.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. **doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MENDES, Michel; SOARES, Zilene Moreira Pereira; COELHO, Leandro Jorge. Educação em sexualidade e gênero na licenciatura em Ciências Biológicas: relatando uma experiência do Programa de Residência Pedagógica. **Ensino & Pesquisa**, 2021.

MOREIRA, A. F.; TADEU, T. (Orgs.). Currículo, cultura e sociedade. São Paulo, Cortez, 2011. 173p.

NEGRINE, Airton. **Terapias Corporais: a formação pessoal do adulto**. Porto Alegre: Edita, 1998.

OLIVEIRA, R. R.; BRANCALEONI, A. P. L.; SOUZA, T. N. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. **Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, Bogotá, v. 8, n. 2, p. 34-49, 2013.

PARAÍSO, Marlucy A. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy A.; CALDEIRA, Maria C. da S. (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-52, 2018.

RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, L. M. M. e; SANTOS, S. P. Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC**. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, SP, 2011.

SIMIONI, Fabiane. Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas: há limites para o debate de gênero no campo do ensino?. In: DA SILVA, Márcia Alves. **GÊNERO E DIVERSIDADE: debatendo identidades**. São Paulo: Perse, 2016, p. 75-94. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/observatorio/files/2016/09/e-book-PALESTRANTES.pdf>

SOUZA, Elaine de Jesus. Educação sexual “além do biológico”: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. Porto Alegre, 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VENCATO, A. P. Estereótipos acerca de modelos não tradicionais de família em um curso de formação docente. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 9-22, 2015.

FOLINO et al..Sexualidade na Educação Básica: uma abordagem visando à conscientização e à divulgação sobre DST. 2016, Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 477-489.

SOUZA, Paulo Ricardo Santos de; SILVA, José Roberto Feitosa. Refletindo sobre os corpos: a importância da fundamentação teórica em sexualidade para a formação docente em Biologia. , Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 3328-3339.

FELICETTI et al.. Sexualidade e cuidados com o corpo: um olhar para a puberdade. 2016, Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 5019-5030.

SIVERIS et al. Orientação sexual na escola: uma dinâmica interativa cheia de curiosidades. Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 2899-2907.

OSMAN et al.. Aplicação de oficinas de educação sexual em uma escola pública parceira do PIBID em Manaus. Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de

Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 2380-2391.

SOARES, João Paulo Reis; ALBRECHT, Mirian Pacheco Silva. Relato de Experiência: Educação Sexual no Ensino Fundamental e o uso do preservativo. Maringá. VI Enebio e VIII Erebio da Regional 3. Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), V.9, 2016, p. 5335-5345

LIRA et al.. O PIBID no desenvolvimento de temática transversal: igualdade de gênero nas aulas de Ciências. Anais VII Encontro Nacional de Biologia / I Encontro Regional de Ensino de Biologia - Norte, 03, 04, 05, 06 set. em Belém, PA – Belém: IEMCI, UFPA, 2018, p. 3739-3748.

LOPES et al.. Problematizando os padrões de gênero e sexualidade disseminados na sociedade - uma experiência no ensino fundamental ii no âmbito do PIBID. Anais VII Encontro Nacional de Biologia / I Encontro Regional de Ensino de Biologia - Norte, 03, 04, 05, 06 set. em Belém, PA – Belém: IEMCI, UFPA, 2018, p. 1396-1404.

JESUS, E. S. et al. Educação para a diversidade sexual e de gênero via Abordagem Temática Freireana: um relato de experiência do subprojeto biologia PIBID/UFScar Campus Sorocaba. VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO), Anais [...], Fortaleza, Ceará, 2021, p. 4604-4616.

TONET, Natália Stinghen; PITZ, Iago Weber. Vamos falar sobre sexualidade?: o diálogo em ambiente escolar como ferramenta para a proteção física e emocional de crianças e adolescentes. VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO), Anais [...], Fortaleza, Ceará, 2021, p. 5173-5179.